

Relações vivas e acerto de contas

Maria Helena Seródio

Este número – que inaugura o quinto ano da publicação da nossa revista – vem comprovar como o território do teatro é, afinal, um feixe de múltiplas relações vivas, na medida em que não se limita ao lugar do palco, antes se prolonga – ou antecipa – em muitas outras circunstâncias que modalizam a sua presença e a tornam rizomática. Disso mesmo é prova a amplitude das realidades que o júri da Associação Portuguesa de Críticos de Teatro distinguiu este ano e que o Dossiê temático explicita: por um lado, contemplando uma atriz de carreira bem firmada como é Emília Silvestre, uma editora como a Cotovia (que tem publicada uma colecção apreciável de textos de teatro) e um projecto – Palcos novos / Palavras novas (PANOS) – que envolve escolas do ensino secundário; e, por outro lado, "repartindo" o Prémio entre um espectáculo sobre um texto canónico de uma companhia de longo e excelente fôlego artístico, como é o Teatro da Cornucópia, e uma outra bem mais recente – Primeiros Sintomas – que se afoitava por uma dramaturgia contemporânea de choque. Sinais, portanto, de caminhos cruzados que enriquecem o tecido cultural que o teatro inventa e a que a APCT quer estar atenta.

Pelo seu lado, também a academia vem permanentemente activando a análise, a discussão e o interesse por autores dramáticos e pelo teatro em geral através de publicações, conferências, teses ou programas de seminários e cadeiras, estabelecendo diálogos e criando vínculos que se posicionam antes e depois da realidade espectáculo. É o caso aqui, por exemplo, dos autores dramáticos que ocupam o Portefólio que Paulo Eduardo Carvalho apresenta e que corresponde a uma sequência que estudou em profundidade para a sua tese de doutoramento, bem como o texto, que ocupa o Arquivo solto, que decorre da tese de mestrado em Estudos de Teatro que Paula Magalhães apresentou à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Se as Notícias de fora nos transportam de Nova Iorque a Sheffield e a Tessalónica para nos falarem de realidades já consagradas, os Estudos aplicados – que decorrem de

um colóquio organizado pelo Centro de Estudos de Teatro da Universidade de Lisboa – centram-se em Harold Pinter propondo uma revisitação histórica e teórica à sua dramaturgia ancorada em três pontos geográficos bem distantes: Estados Unidos da América, Inglaterra e Brasil. Entretanto, os Passos em volta procuram trazer à discussão espectáculos que terão passado mais despercebidos à imprensa, revelando actuações sobretudo fora de Lisboa que comprovam a vitalidade de várias companhias que se distribuem por outros circuitos que não os mais engalanados ou de maior visibilidade.

Na entrevista a João Perry, ouvido Na primeira pessoa, sobressai o fulgor – contido e exigente – de um actor com uma carreira celebrada a falar do seu trajecto de vida e dos valores que defende na sua actuação, enquanto o Em rede, de Ana Bigotte Vieira, nos fala de novos rumos de uma cultura digital não apenas a reorganizar a arte, mas também a ditar comportamentos na vida. E é ainda em torno do cruzamento da vida com a arte, bem como do teatro com a literatura, a fotografia e o registo ou criação videográfica que as Leituras se tecem, não faltando – como é já norma do n.º de Junho – a lista de publicações que Sebastiana Fadda vem alinhando de forma exaustiva.

Mas neste *looping* de relações acesas a verdade é que regressamos sempre ao ponto incandescente que é o espectáculo: o que é, quem o faz e quem, ao vê-lo (ou ao fotografá-lo), também o – e se – vai fazendo. A eles ficamos a dever tudo isso, bem como o apoio generoso que nos vão prodigalizando com cedência de fotografias, esclarecimento de dúvidas e uma sempre amável solicitude que muito nos anima.

Por isso também nos move a vontade de corrigir o que por vezes desacetamos, pelo que aqui incluímos um "acerto de contas" para o qual escolhemos uma epígrafe da nossa maior afeição:

Es irrt der Mensch, so lang' er strebt
(Erra o homem enquanto se esforça e procura)
(Goethe, *Faust*, "Prolog im Himmel", v. 317)

	Onde se lê:	Deve ler-se:
N.º 3, Junho de 2005 p. 111 legenda da imagem	Ramada Curto (desenho de Roberto Nobre)☐☐	(desenho de Amarelhe)☐
N.º 5, Junho de 2006 p. 40 Beckett em Portugal: Uma cronologia (col. da esq.)	<i>Quatro em Beckett ...</i> ☐☐☐☐ <i>À espera de Godot...</i>	<i>Quatro em Beckett ...</i> ☐ <i>Um dia virá</i> [Inominável, Acto sem palavras, <i>À espera de Godot</i>], enc. Mónica Calle, Prod. Casa Conveniente/CCB <i>À espera de Godot...</i> ☐☐☐☐
N.º 6, Dezembro de 2006 p. 35 Rogério de Carvalho – Representações singulares (col. da esq. ao fundo):	... Grupo de Intervenção Teatral da Trafaria.☐	Grupo de Intervenção Teatral da Trafaria, onde se estreou na encenação de Tchekov em 1977 com <i>Três irmãs</i> que, a convite da Cornucópia, se apresentou no Teatro do Bairro Alto em Janeiro de 1978.
N.º 7, Junho de 2007 p. 76 Prémios de teatro regressam à Grécia (col. da esquerda, última linha):	... terem decorrido em Milão.☐	... terem decorrido em Turim.
N.º 8, Dezembro de 2007 p. 39 Cronologia teatral de Fiama Hasse Pais Brandão p. 40 Cronologia teatral de Fiama ... (cont.)	1970: É-lhe atribuído o Prémio da Secretaria de Estado da Cultura para <i>Quem move as árvores</i> (Lisboa, 1979). 1976: ... Em Portugal a autora recusa o Prémio...	1970: É-lhe atribuído o Prémio de Teatro Maria Matos pela peça <i>Quem move as árvores</i> (Lisboa, 1979).[Este prémio era organizado em colaboração com a Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais Portugueses (SEC TP) [Informação da autora que não foi possível confirmar]